MARCAS ENUNCIATIVAS DA RELAÇÃO SABER- PODER NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

MARQUES DE L'ÉNONCIATION SUR LE RAPPORT POUVOIR-
SAVOIR DANS L'ACULTURE CONTEMPORAINE

Marília Amorim¹

Resumo: *O artigo sintetiza duas etapas de pesquisa. A primeira trata da relação entre formas de saber e formas de discurso buscando identificar a forma dominante na cultura ocidental contemporânea. Para tanto, empreende a leitura de textos filosóficos, sociológicos e psicanalíticos que examinam o funcionamento da cultura atual em suas implicações para a construção do laço social e para a formação do sujeito. A segunda etapa analisa a forma de saber e de discurso dominante e seus efeitos de poder. Para tanto, examina o enunciado-tipo do gênero discursivo comercial/publicitário e sua crescente propagação, em uma abordagem enunciativo-discursiva de base benvenistiana e bakhtiniana.*

Palavras-chave: enunciado; alteridade; resposta; gênero discursivo; pós-modernidade.

Résumé: *L'article est une synthèse de deux étapes de recherche. La première traite de la question du rapport entre formes de savoir et formes de discours et vise à identifier la forme dominante en la culture occidentale contemporaine. Pour cela, elle entreprend la lecture de textes philosophiques, sociologiques et psychanalytiques qui examinent le fonctionnement de la culture actuelle dans ses implications pour la construction du lien social et pour la formation du sujet. La deuxième étape analyse la forme de savoir et de discours dominante et ses effets de pouvoir. Pour cela, elle examine l'énoncé-type du genre discursif commercial/publicitaire et sa propagation croissante, en s'appuyant sur une approche énonciative-discursive basée sur Benveniste et Bakhtine.*

Mots-clé: énoncé; altérité; réponse; genre discursif; post modernité.

Esse texto resume a pesquisa que venho realizando na França nos últimos oito anos e que já foi ali publicada em dois livros e em diferentes arti-

¹ Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, França.

gos. Quando necessário, alguns deles serão aqui mencionados. A pesquisa é o desdobramento de outra que a antecedeu e que buscou identificar equivalências entre formas de saber e formas de discurso, apontando para a dominância e autonomização que ocorre no contexto da pós-modernidade de uma dessas formas. Na pesquisa posterior, foi constituído um corpus de enunciados onde encontramos marcas enunciativas desse processo histórico que permitem uma reflexão de cunho filosófico, uma vez que interroga as condições atuais do lugar do sujeito e do viver coletivo.

Do ponto de vista acadêmico, o trabalho produziu-se no interior da equipe de pesquisa em Filosofia de Educação denominada *Paideia*. O eixo temático da equipe assenta-se na hipótese filosófica de Jean-François Lyotard acerca da passagem da modernidade à pós-modernidade e de suas consequências políticas e ontológicas.

A idéia central a que chegamos e que percorrerá todo o texto é que um novo tipo de poder instala-se progressivamente em nossa sociedade ocidental contemporânea. Ele faz uso de uma forma de inteligência específica que na Grécia antiga era identificada pelo nome da deusa Mêtis e cujas características são apresentadas ao longo do texto. Adiantemos, porém, que seu poder consiste fundamentalmente em desnortear e confundir o adversário ou interlocutor, colocando-o assim em uma posição de *burrice*. Em francês, utiliza-se a palavra *bêtise* cuja tradução em português oscila entre: burrice, imbecilidade, asnice, besteira, tolice. Escolhi a palavra burrice porque, em francês, usa-se *bêtise* em oposição a *intelligence* e, no Brasil, considerei que o mais usado nessa oposição é *burrice X inteligência*.

O tema da burrice é, ao contrário do que se poderia pensar, um tema legitimado filosoficamente - da literatura, com Flaubert², à filosofia com Derrida (2008; 2010) e Stiegler (2012). Na França, tem-se a impressão de que o tema está na ordem do dia como ferramenta para a reflexão crítica do mundo contemporâneo. Uma coincidência parece confirmar essa impressão: no mesmo ano em que meu livro sobre a *burrice* foi publicado (2012), dois outros o foram (STIEGLER, 2012; HERSHBERG-PIERROT, A, 2012).

Antes de mais nada, clarifiquemos que o propósito da pesquisa não é de tratar da burrice no âmbito individual. A burrice individual é um direito e um dever. Um direito, porque ninguém pode escapar dela em uma situação ou outra. Um dever, porque é necessário passar por ela sempre que se pre-

2 FLAUBERT, G. *Le dictionnaire des idées reçues*, Paris, Ed. Conard, 1913. No Brasil, algo equivalente na linha humorística, pode ser encontrado nos livros do jornalista e cronista de pseudônimo Stanislau Ponte Preta: *Febeapá: Festival de besteiras que assolam o país*, publicados nos anos sessenta.

tende conhecer e compreender algo de novo. Entretanto, a burrice coletiva, ou melhor, o empreendimento coletivo que tenta nos transformar em burros é um efeito de poder. Todas as ditaduras ocidentais modernas instauraram polícias especializadas nessa área. Desinformar, deformar e nos impedir de saber foram as armas mais frequentes de uma mesma estratégia: a censura.

A estratégia da censura é característica de um uso da força que se mostra como tal: a dos militares nas ditaduras da América Latina, a dos nazistas na Alemanha e assim por diante. Conhecida e visível, até mesmo ostentatória, esta forma de poder, embora impedindo o acesso à informação, deixa, apesar dela, um lugar para a inteligência. “Apesar de você” é o título da canção de Chico Buarque que se constituiu como uma espécie de hino popular da resistência à ditadura militar no Brasil. Na época, o compositor desenvolveu a arte do dizer sem dizer e suas canções eram facilmente interpretáveis, exatamente pelo fato de que todo mundo sabia de quê e de quem elas falavam.

Os exemplos são múltiplos no domínio da arte e no do pensamento em diferentes países. Podemos evocar, por exemplo, o diário filológico de Victor Klemperer (1996), judeu alemão, que concebia esse trabalho como sendo a principal arma para resistir em seu íntimo à opressão e à perseguição nazista. Uma vez publicado, após a queda do nazismo, o diário revela-se como uma análise fina e precisa da língua do III Reich. Ele nos ensina que a linguagem ocupa um lugar central nas estratégias de poder. Voltaremos a esta ideia mais adiante³.

O uso explícito da força não é a única forma de poder que conhecemos. Existe outra que nos interessa, particularmente, porque ela corresponde ao que se observa no ocidente contemporâneo. Ela permite compreender o empreendimento coletivo da burrice ao qual devemos tentar resistir. A abordagem que propomos para analisar a burrice na sua relação com a inteligência comporta uma dimensão histórica. Desse modo, a uma forma contemporânea de poder, corresponde uma forma contemporânea de burrice. Emprestamos de Lyotard (1979) os termos para qualificar aquelas ditaduras cuja ação sobre o saber operava pela estratégia da censura, como uma forma de totalitarismo *moderna*.

O totalitarismo pós-moderno seria, diferentemente das ditaduras modernas e de seu uso explícito da força, um poder *inteligente*. A forma de inteligência, nesse caso, é específica das situações em que está em jogo um combate no interior de uma dada relação de forças. Referimo-nos aqui a uma noção que não tem nada de contemporâneo, ao contrário, posto que

3 Ver também DE WITTE, J., *Le pouvoir de la langue et la liberté de l'esprit. Essai sur la résistance au langage totalitaire*. Paris, Michalon, 2007.

foi identificada na Grécia Antiga. Foram os helenistas Detienne et Vernant (1974) que a trouxeram de tão longe e que colocaram a nossa disposição um instrumento de análise cuja atualidade tentaremos de demonstrar. Sublinhemos de passagem, que os autores concebiam seu trabalho como sendo da ordem de uma *historia da inteligência*. Analisam então a inteligência da astúcia e da esperteza que levava o nome da deusa Mêtis e que, pelo seu poder de dissimulação e de polimorfia, era a única capaz de vencer qualquer outro tipo de força ou de poder. Em todos os domínios em que está em jogo uma relação de força, é possível vencer o mais forte recorrendo as estratégias *mêtis*. Estas são secretas e permanecem escondidas durante o combate. Em suma, pode-se dizer que mais forte que a força, há essa forma de inteligência cuja força reside na arte de não se deixar ver. O que condena o *outro* a não poder saber e, portanto, à *burrice*.

Trata-se de uma inteligência prática e, seja no cotidiano ou em situações excepcionais, os valores que a validam são a utilidade, a eficácia e a esperteza nas relações sociais. As características de *mêtis* enquanto inteligência do Príncipe aparecem nos escritos de Maquiavel e, nessa medida, é um saber que se situa na própria origem da forma moderna de poder. Em uma esfera mais ampla, o historiador Jean Rohou (2002), nos mostra que os valores de *mêtis* nas relações sociais estão no coração da revolução *psycho-lógica* que marca o século XVII na Europa. O que ele chama de ideologia individualista produz-se na vida da corte e dos salões do mesmo modo que nas trocas comerciais. Desenraizados do campo, os nobres sob o regime absolutista de Luís XIV e sob a dominância religiosa, se vêm projetados na corte, em meio a relações de concorrência permanente, em que é preciso cuidar de sua própria imagem às custas da dissimulação e da adulação. Encontramos em sua análise todos os traços da inteligência *mêtis*.

Nossa hipótese, entretanto, é que a especificidade pós-moderna reside no fato de que essa forma espalhou-se por todas as esferas de atividade e se dissemina como uma forma larvar de poder que, embora estando em todos os lugares consegue se manter invisível. A invasão de todas as esferas de vida por essa forma de saber-poder justifica que se a denomine totalitária, mesmo se ela não tem o poder de vida e de morte tal como nos totalitarismos precedentes.

1 Uma forma específica de inteligência

Vejamos agora, de maneira mais precisa em que consiste a inteligência *mêtis*. Ela se desenvolve e se atualiza nos saberes eminentemente práticos,

voltados para o instante e para as situações mutantes e imprevisíveis que exigem uma ação imediata. Esses saberes constroem-se pela experiência e se validam pelo êxito da ação empreendida, sem passar necessariamente por uma discursividade que preste contas dos meios utilizados. Sem o constrangimento da demonstração ou da narração, são saberes que podem se produzir fora de qualquer discursividade sem perderem nada de sua eficácia. Salvo quando a ação demandada pela situação é de natureza discursiva como veremos mais adiante.

O saber prático ou da ação obedece à lógica da eficácia⁴. Na sua vertente *técnica*, a inteligência *mêtis* serve à criação ou à transformação de materiais, de utensílios e de objetos. É o saber do artista, do artesão, do técnico e do “faz tudo”⁵. O *outro* com o qual se combate aqui é a própria matéria ou o material usado no trabalho da criação. Detienne e Vernant mostram o combate do tecelão com os fios a torcer e entrecruzar, o do ceramista com a argila etc. Para vencer o material, a *mêtis* do artesão consiste em esposá-lo e seguir suas tendências, a se dobrar a seus caprichos tal como faz, por exemplo, o navegador na relação com o mar. *Não sou em que me navego, quem me navega é o mar*, diz um samba conhecido.

Não trataremos aqui desta vertente técnica mesmo se, em outra oportunidade (AMORIM, 2012), tentamos demonstrar que a *burrice contemporânea*, em certos aspectos, produz-se com a invasão crescente da tecnologia nas diferentes esferas das relações humanas. Quando “o sistema” se torna o sujeito do enunciado, há algo aí para interrogarmos. No entanto, trataremos aqui apenas da vertente *tática/estratégica* do saber prático. Ela nos interessa na medida em que a questão da *alteridade* aqui concerne a relação entre sujeitos. Podemos designar a inteligência subentendida nessa forma de saber como *inteligência da sobrevivência*. O emprego da palavra sobrevivência, em uma primeira acepção, serve para remeter às situações extremas como a guerra, onde predomina essa forma de inteligência: do Ocidente (Maquiavel) ao Oriente (Sunzi, na China Antiga), a arte da guerra é um dos eixos maiores da produção de saber nas sociedades de todos os tempos.

A inteligência da sobrevivência não concerne apenas aos poderes estabelecidos em um dado contexto. Ela está ativa em todos nós de uma maneira geral como, por exemplo, nos combates cotidianos que devemos afrontar nas instituições de trabalho. Ela é convocada principalmente naqueles cuja vida está cotidianamente em perigo. No Brasil, foram os cha-

4 Para a diferença entre nossa tradição cultural greco-romana e a cultura chinesa no que concerne a noção de eficácia, ver JULLIEN, F. *Traité de l'efficacité*, Paris, Grasset, 1996.

5 O « faz tudo » é nosso equivalente do francês *bricoleur*.

mados “meninos de rua” que despertaram minha atenção para a questão. Na França, em outra oportunidade⁶, analisei o personagem Rosetta⁷ no premiado filme do mesmo nome. Nele, uma jovem vive em situação social de extrema precariedade e lança mão de uma série de expedientes *mètis*. Na maior parte do filme, ela não fala, mas age. E nos raros momentos em que fala, a análise de seus enunciados revelou uma homologia importante com os enunciados que analisaremos mais adiante.

Consideramos então necessário distinguir entre a *mètis do fraco* e a *mètis do forte* (AMORIM, 2007). Para tanto, recorremos à distinção estabelecida por De Certeau (1990) quando ele distingue a tática da estratégia. Reserva este último termo para os meios empregados por aqueles que dispõem de um poder e o primeiro termo para aqueles desprovidos de qualquer poder. A estratégia supõe um saber que tem como condição prévia o poder de se constituir um *lugar próprio*, enquanto que a tática é um saber sem lugar próprio e que opera no campo de poder do outro. “Sem lugar próprio, sem visão globalisante, cega e perspicaz como se é quando se está no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela ausência de poder” (DE CERTEAU, 1990, p. 62).

No outro extremo da escala social, outro filme, *Marging Call*⁸, revela, no interior de um banco americano de investimentos, o funcionamento das relações sob a modalidade da competição desenfreada. Todos os meios são válidos para obter o máximo de lucro e pouco importa se o que se vende aos compradores é um blefe. Podemos dizer que o mundo das finanças e das bolsas de valores é um mundo organizado fundamentalmente em uma lógica *mètis*, uma vez que a especulação financeira opera através da simulação. No início do filme, assiste-se a um processo de demissão de um certo número de empregados, o que, aparentemente, faz parte da rotina. Após o que, o chefe vai à sala dos que sobraram e que demonstram mal-estar pelos que partiram e medo pelo que lhes pode acontecer. O chefe chega aplaudindo vigorosamente os empregados, o que desencadeia os aplausos de todos. Diz ele: “Parabéns! Vocês são verdadeiros sobreviventes! Logo, vocês são os melhores!”

Para prosseguir na compreensão da inteligência da sobrevivência, uma breve comparação com as duas outras grandes formas de saber, *Mythos* e *Logos* pode nos ser útil. O emprego desses termos gregos e sua respectiva significação varia segundo a abordagem, mas em nossa perspectiva enun-

6 AMORIM, M.: “L’effort pour rendre l’autre bête ». *Revue du MAUSS permanente*, 25 janvier 2015, *on line* em: <http://journaldumauss.net/?L-effort-pour-rendre-l-autre-bete>

7 *Rosetta*, filme franco-belga realizado por Jean-Pierre et Luc Dardenne em 1999.

8 *Marging call*, filme americano realizado por J. C. Chandor em 2011.

ciativa, a primeira designa o gênero do saber narrativo. Seu enunciado-tipo é o enunciado trinitário⁹: desdobrado em uma temporalidade, um *Eu* conta para um *Tu* a história que um *Ele*, ausente, lhe havia transmitido. O saber narrativo apoia-se desse modo na linguagem natural e comum que, a cada fala, coloca em cena um dispositivo de três posições, conceitualizado por Benveniste¹⁰ como *aparelho formal de enunciação*.

Do outro lado, temos o saber demonstrativo *Logos*, cuja forma enunciativa contraria a linguagem natural e cotidiana para criar um gênero discursivo¹¹ particular em que o enunciado é do tipo binário, tal como encontrado na base da matemática e da filosofia¹², com o *terceiro excluído*. Aqui, o termo tornado ausente é o *Tu*. E o *Ele* - lugar destinado ao objeto do discurso no aparelho formal da enunciação - passa a ocupar o lugar de destinatário. Sua função consiste em produzir enunciados críticos: objeções ou confirmações das proposições demonstradas.

Com a invenção do enunciado binário na Grécia de Pitágoras e de Platão, temos uma transgressão da ternaridade natural da linguagem. Ela se justifica pelo que permite produzir, isto é, uma forma específica de saber que opera pelo modo da produção conceitual – a filosofia e as teorias científicas. Trata-se doravante de transmitir, não mais histórias (mitos, religiões, contos, etc.), mas conceitos e, para tanto é necessário *aprender a falar* dirigindo-se a um *Ele* e não mais a um *Tu*. Em outra oportunidade (AMORIM, 2001), analisamos outra transgressão da ternaridade cotidiana e natural que produz igualmente uma forma de saber específica, a saber as ciências humanas. Tendo que lidar com um objeto falante, o gênero discursivo das ciências humanas se constitui por um enunciado-tipo que opera, nesse caso uma *dupla inversão* em relação à ternaridade cotidiana: seu destinatário é um *Ele*, como no diálogo binário das ciências exatas ou formais porém, o *Tu*, ao invés de ser excluído, ocupa agora o lugar de objeto.

Veremos logo adiante, que a forma discursiva do saber *mètis* opera igualmente uma transgressão do aparelho formal de enunciação só que, dessa vez, estaremos diante de uma crise de paradigma.

9 Para uma abordagem enunciativa dos saberes *Mythos* et *Logos*, baseamo-nos no trabalho de DUFOUR, D-R. *Os mistérios da trindade*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000.

10 BENVENISTE, E. *L'appareil formel de l'énonciation*, in *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1974, vol. II, p. 79-88.

11 Ao longo do artigo, usaremos o conceito de gênero discursivo na acepção de Bakhtin, in BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 1992 e de Medviédev in MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*: Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila V.C. Grillo e Ekaterina V. Américo, São Paulo, Contexto, 2012.

12 SERRES, M. « Le dialogue platonicien et la genèse intersubjective de l'abstraction », in *Hermès I. Communication*, Paris, Minuit, 1968.

2 Um mundo Métis

As três formas de saber, Mythos, Logos e Mètis, fazem parte da riqueza humana e são igualmente necessárias. No âmbito individual, a cada situação com que nos defrontamos, somos convocados a julgar e decidir qual delas deverá predominar e como as restantes devem trabalhar a seu serviço. Sendo formas radicalmente distintas, a articulação entre elas, embora necessária, é algo sempre complexo. Não se trata de buscar harmonia, equilíbrio e tampouco superação dialética. Trata-se de arranjos pontuais, sempre instáveis e problemáticos, e que correspondem ao que cada sujeito, individual ou coletivo, julga ser o melhor possível ou o menos pior, em uma dada situação. No âmbito coletivo, segundo o contexto sócio-histórico, é possível observar a dominância de uma forma ou de outra. Em linhas gerais, identifica-se com Jean-François Lyotard a predominância da forma Mythos na sociedade tradicional ou pré-moderna, e a forma Logos na sociedade moderna. Podemos dizer que uma forma de saber, quando predominante passa a ser hegemônica ou, mais do que isso, quando se autônoma e perde o contraponto das outras duas, geram-se efeitos de poder totalitário. Mythos, quando hegemônico ou autônomo, engendra obscurantismo e fanatismo. Logos, racionalismo tecnicista. Nos dois casos, transformam-se em ideologias de um poder abusivo.

Segundo nossa hipótese, a especificidade da cultura pós-moderna seria um processo de autonomização da forma *mètis* e a constituição de uma nova forma de poder. O que não quer dizer que a sociedade funciona inteiramente nesse regime. Na verdade, deve-se falar de zonas ou regiões de modernidade, pré-modernidade e pós-modernidade. Trabalhamos (AMORIM, 2007) essa hipótese através do exame de diferentes textos de filósofos, psicanalistas, sociólogos ou juristas que examinam o funcionamento da sociedade ocidental contemporânea.

A dominância contemporânea da inteligência *mètis* deve-se, em parte, à precarização do mundo do trabalho e o decorrente acirramento da competitividade em todas as esferas. A competitividade é inerente às sociedades cujas relações sociais são submetidas às “leis” do mercado, o que faz com que essas leis passem a organizar todas as grandes economias humanas (DUFOUR, 2012. p. 212) – comercial e política, claro, mas igualmente a economia psíquica, a economia simbólica e a economia semiológica. Com isso, todas as relações se tornam relações de força e a performance, o pragmatismo e a rapidez passam a ser as referências dominantes. O campo lexical dos discursos sociais mediatizados não deixa dúvidas. “É preciso ser pragmático”, dizem os políticos do nosso tempo.

Assim, encontramos-nos nos domínios de Hermès, deus grego *mètis* por excelência, senhor dos signos e da escrita, mestre na arte da comunicação, seja clarificando seja trocando os sinais e apagando os rastros, a fim de desnortear seu interlocutor. O que poderia explicar a presença massiva dos experts em comunicação e marketing que formatam as relações sociais. Hermès é também o grande inspirador dos comerciantes e dos ladrões. Ainda no mundo grego antigo, o herói Ulysses encarna aquela que é a habilidade maior de *mètis*: a polimorfia. Mudar de forma, de aparência, “virar a casaca” e “dançar conforme a música”, abrindo mão de qualquer referência identitária ou singularizante.

O imperativo da polimorfia é igualmente central no novo espírito do capitalismo como nos mostra Boltanski et Chiapello (1999). Através da análise dos textos de *management* destinados à formação dos empregados de diferentes empresas, os autores revelam que o novo capitalismo pede um novo homem: adaptável, móvel, flexível e polivalente. Nada deve atrapalhar seus movimentos e ele deve renunciar a ter apenas um projeto na vida, tanto profissional como pessoal (uma vocação, uma profissão, um casamento, etc.). Renunciar à estabilidade, ao enraizamento, à segurança de elos construídos ao longo de uma história de vida. Sua leveza advém da renúncia a suas paixões e a seus valores. Nada deve estar acima do imperativo de adaptação e convém cultivar a ambivalência pois, as situações a enfrentar são complexas e incertas.

O novo espírito do capitalismo é o que melhor se adequa ao *capitalisme total* analisado por Dufour (2005): é preciso privar os indivíduos de tudo aquilo que possa colocar freios no consumo – a educação, a cultura, etc. Deve-se acabar com toda e qualquer rigidez ou contorno identitário uma vez que isso poderia entrar em conflito com os imperativos do mercado. Depois do nazismo, do estalinismo e do fascismo, o Deus Mercado busca construir um novo “homem novo”, destituído de sua capacidade de julgar. A análise de Dufour converge aqui com a ideia de Lyotard (1979) segundo a qual, após os totalitarismos modernos que contribuíram para o fim das metanarrativas, estaríamos agora diante de um novo totalitarismo que ele designa como *econômico-midiático*. A ideia de capitalismo total converge também com a noção de *mercado total* de Alain Supiot (2010) que caracteriza a sociedade ocidental contemporânea. O autor lembra que, da Idade Média ao século XVIII, as cidades européias, hoje visitadas como históricas, atribuíam um lugar central ao mercado, mas esse lugar era circunscrito. De fato, podemos constatá-lo com uma simples visita turística a essas cidades, que todas possuem uma “Praça do mercado”, situada no centro da cidade

e em torno da qual a topologia circundante se organizava. Ora, em nosso mundo do mercado total, não existe mais *um* lugar *do* ou *para* o mercado uma vez que ele não é delimitado por nenhuma fronteira. Ele está em toda parte e já ultrapassou a separação entre espaço privado e espaço público uma vez que ele está em nossas casas através da internet.

Outro elemento importante, analisado agora por Lipovetsky (1983), permitiu-nos caracterizar o mundo em que nos encontramos. Ele está no âmago das estratégias e das táticas de *mètis*: a sedução. A sedução corresponde aqui a uma produção discursiva da cultura contemporânea em que o vocabulário se asseptiza, torna-se neutro ou simpático, de maneira a obter que tudo se comunique sem nenhuma resistência. Agradar, ser aprovado, criar uma proximidade comunicacional permanente, tudo isso se faz em uma espécie de culto do espontâneo, mesmo se a cumplicidade é simulada e se o preço a pagar é a produção de um discurso mole em que é possível dizer uma coisa e seu contrário.

O poder de seduzir é um poder de enfraquecer os conflitos, o debate e a crítica. Esse enfraquecimento, até então, era efeito do poder explícito, arrogante e totalitário das ditaduras. Pela repressão e pelas ameaças de morte ou de encarceramento, proibiam-se todas as oposições. Aqui, o poder esconde seu poder de proibir sob uma nova modalidade discursiva: as palavras moles do senso comum, o politicamente correto, parecem constituir um *regime discursivo*, no sentido lyotardiano¹³ da palavra, que não tem limite nem borda. Na medida em que são as palavras de todo mundo, só podem produzir assentimento e o desacordo torna-se impossível. Simpatia e aprovação recíprocas são as novas palavras de ordem, de um código humorístico que integra na verdade “um vasto dispositivo polimorfo” (LYOTARD, 1983, p. 222).

3 Da sedução à crise do paradigma enunciativo

“Salve-se quem puder” é a palavra de ordem da inteligência *mètis* e seu objetivo é garantir a sobrevivência em uma dada situação. O reconhecimento recíproco de singularidades na relação intersubjetiva não tem aqui importância. Ao contrário, o que está em jogo é: como não ser identifica-

¹³ Apesar da convergência entre o conceito de gênero discursivo e o de regime discursivo, utilizamos as duas terminologias para ressaltar neste último a ênfase dada por Lyotard à dimensão de poder. Para ele, a instauração de um regime discursivo resulta sempre de uma relação de forças. LYOTARD, J-F. *Le différend*. Paris, Minuit, 1983.

do, como se fundir na multidão e não se diferenciar. Na *mètis da rua ou do fraco*, o passageiro que pula a roleta do metrô, porque não tem como pagar uma passagem, enfrenta o desafio de fazer com que os agentes de segurança não o identifiquem. Ele não vai correr nem olhar para os lados e sim, andar “normalmente” como os demais passageiros. O estrangeiro que sente a ameaça de ser estigmatizado pelo seu sotaque de origem, concentra todos os esforços para aprender a falar como todo mundo. Somente aquele cujo país de origem é valorizado tem o privilégio de poder manter suas marcas identitárias.

Na *mètis do forte ou do poder estabelecido*, para vencer um rival ou conquistar um adversário, às vezes se torna necessário apresentar-se exatamente como ele, demonstrar que não existe diferença significativa entre eles. Nada mais comum nas classes políticas dos diferentes países que conhecemos no ocidente que mudam de discurso da noite para o dia.

A que forma discursiva corresponde essa forma de saber?

Segundo Vignaux (2001), ela seria a figura da ironia. Porém, aprendemos com Brait (1996) que, sem a participação do interlocutor, a ironia não funciona. É necessária uma complicitade mínima entre locutor e interlocutor para que o sentido da ironia se produza, mesmo quando ela visa a destabilizar o interlocutor. Examinemos então a forma discursiva de *mètis* posto que o personagem grego que a encarna não é Sócrates com sua famosa ironia e sim, o sofista. Detienne e Vernant o indicam de modo preciso: o político e o sofista, face a um auditório a conquistar, desenvolvem a arte da ambiguidade e da metamorfose. Mudar de lado de maneira imperceptível, dizer a mesma coisa e seu contrário, dizer o que o outro diz, roubar-lhe o argumento fingindo tê-lo sempre defendido... Temos então uma forma discursiva em que o locutor não confirma seu lugar. Se o procuramos ali onde ele estava, não o encontramos. Ao contrário, toda a estratégia consiste em apagar seus rastros e em fazer esquecer as diferenças entre os lugares. Na medida em que a indiferenciação entre as posições Eu, Tu, Ele se torna a forma discursiva dominante, não podemos mais recorrer ao paradigma do aparelho formal de enunciação o que configura sua crise.

Há crise do paradigma enunciativo sempre que a diferença e a tensão entre as posições desaparecem. Veremos que essa crise vai instituir uma nova forma de poder cuja estratégia visa a produzir uma nova forma de burrice: a *burrice enunciativa*. Antes disso, porém, cabe lembrar que a enunciação não é apenas um conceito da linguística. Ela constitui um ponto de enodamento fundamental entre linguagem e economia simbólica. Na cena enunciativa onde são dispostos os três lugares, engendra-se ao

mesmo tempo um movimento, uma espécie de coreografia das relações sociais de base com seus três tempos constitutivos: dar, receber e devolver¹⁴. Aquele que fala designa um interlocutor Tu e, ao fazê-lo, confere-lhe a condição de falante posto que lhe atribui a posição daquele que deve ou que pode *responder*. Isso quer dizer que falar é dar a palavra a um outro. Isso se produz no mesmo gesto posto que o Eu somente se constitui pelo reconhecimento de sua palavra por um Tu. Mesmo no caso do conflito ou do desacordo, o Tu, por sua vez, ao assumir esse lugar, recebe a palavra que lhe foi dada e, mantendo, portanto, a relação de reconhecimento recíproco, devolve a palavra ao responder. A resposta irá então posicioná-lo no lugar de um Eu e o processo será relançado. Falar é instaurar um mundo comum entre os falantes, diz o filósofo Emmanuel Lévinas (1982).

Para o filósofo da linguagem, Mikhaïl Bakhtin (1970), a resposta é o elemento chave da construção de sentido de um enunciado. *A palavra se dirige*, diz ele, e sem endereçamento, seria impossível falar. Desse modo, todo enunciado é *resposta*, e contém nele próprio um diálogo. Todo enunciado responde aos que vieram antes dele e convoca e convida outros depois dele. Para além do sistema abstrato da língua e da significação dicionarizada de seus signos, o ato concreto de falar se dá em situação social (concreta e/ou imaginada) e demanda um trabalho de interpretação para que o enunciado faça sentido. Ora, o sentido não se pode construir sem que se leve em conta a *responsividade* do enunciado, isto é, os enunciados aos quais responde e os enunciados que lhe respondem. Em Bakhtin, a responsividade, enquanto conceito linguístico-discursivo, corresponde à noção ética de responsabilidade e essas duas dimensões são indissociáveis em sua obra.

Compreende-se então a razão pela qual a enunciação constituiu-se como paradigma para as ciências humanas. Mais do que isso, Lyotard dirá que ela era o modelo ontológico e político da modernidade. Em um de seus livros sobre a pós-modernidade, ele parece ter perfeitamente identificado a mutação que tentamos tratar aqui: “Uma outra maneira de fazer o luto da emancipação universal prometida pela modernidade, seria ‘trabalhar’, no sentido freudiano, não apenas a perda desse objeto, mas a perda do sujeito ao qual esse horizonte era prometido. Não se trataria apenas de reconhecer nossa finitude, mas que elaborássemos o estatuto do *nós*, a questão do sujeito. (...) Tal elaboração somente pode conduzir, creio, a abandonar antes a estrutura linguística comunicacional (eu/tu/ele) que, conscientemente ou não, os modernos creditaram como modelo ontológico e político” (LYOTARD, 1986, P. 51).

14 Refiro-me aqui, ao princípio da socialidade primária, formulado pelo antropólogo Marcel Mauss. MAUSS, M. *Essai sur le don: Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* In *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, Collection Quadrige, 1973.

Tentamos desenvolver a idéia esboçada por Lyotard dizendo que a estrutura comunicacional de que fala não é outra coisa senão o aparelho formal de enunciação. Este constituiria um modelo ontológico porque as teorias modernas do sujeito, em especial a psicanálise, haviam encontrado na linguística da enunciação uma matriz subjetiva prenhe de desdobramentos. Ao mesmo tempo matriz operacional, na medida em que fornecia a essas teorias o suporte material da palavra como unidade de análise. Ao resumir em dada ocasião o trabalho do tratamento psicanalítico, Serge Leclaire dizia que esse trabalho visa a fazer com que o paciente possa falar posicionando-se enquanto primeira pessoa (LECLAIRE, 1999).

O aparelho formal de enunciação constituía também um modelo político porque instaurava um modo de relação de alteridade que esposava inteiramente o ideal moderno de laço social. As relações Eu-Tu/Ele colocam em cena diferenças e assimetrias irreduzíveis que, ao mesmo tempo, não correspondem a entidades substanciais ou definitivas já que as três posições são ocupadas diferentemente segundo a sucessão infinita do jogo enunciativo. Aquele a quem me dirijo, poderá na sua vez, ocupar o lugar de Eu e ser o mestre do jogo que reconfigura a cena. Essa relação diferencial e aberta, pela própria natureza de seu movimento perpétuo, é constitutiva de um laço que podemos designar como sendo o *Nós mínimo* a partir do qual toma forma o paradigma da coletividade na cidade moderna.

Lyotard havia definido a pós-modernidade pelo declínio das metanarrativas. Ora, sem a diferenciação das posições enunciativas, a transmissão das narrativas não pode ser empreendida. Isso nos incita a completar a definição lyotardiana dizendo que, se as posições enunciativas não se distinguem mais, então, a pós-modernidade é o que coloca em crise o paradigma enunciativo. Lembremos ainda que para Bakhtin¹⁵ e Voloshinov, a linguagem é a matéria mais sensível em que se inscrevem as transformações sociais, mesmo quando elas apenas se esboçam e que ainda não se estruturaram em um sistema ideológico.

3 *Corpus e análise*

Rolland Barthes¹⁶, em seus trabalhos de semiologia da cultura de massa, parece ter pensado do mesmo modo que os filósofos russos posto que,

15 BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV, L.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1981.

16 BARTHES, R. *Mythologies*. Paris, Seuil, 1957.

através de exemplos aparentemente anódinos como uma propaganda de sabão em pó ou de macarrão, desenvolvia análises que capturavam o espírito e os valores dominantes da sociedade de consumo então nascente e florescente.

Em nossa pesquisa, o corpus analisado também se constitui de fragmentos de discursos cotidianos. Foram colhidos em contexto francês, mas citarei alguns exemplos brasileiros e as diferenças serão comentadas adiante. Vamos começar pelo exame de um gênero discursivo que opera e se engendra nas esferas sociais do comércio e da publicidade. Essa escolha é coerente com a idéia que desenvolvemos acima segundo a qual, a dominância da inteligência *mètis* é intrínseca à dominância do mercado tal como a vemos se configurar nas sociedades ultraliberais. A incitação ao hiperconsumo aparece então na estratégia discursiva que iremos analisar e caracteriza o gênero comercial-publicitário.

Por razões técnicas de edição, não podemos colocar todos os elementos do discurso verbo-visual do site, tal como ícones e outros. Nossa análise limita-se assim ao discurso verbal.

Exemplo brasileiro nº1 : Site de vendas pela internet de congelados da marca “Deep Freeze”

No alto da página, na primeira linha, lê-se:

Ainda não é cadastrado? Como assim?! Coloque sabor e praticidade em sua vida. Cadastre-se.

Na segunda linha, separada da linha anterior por um fino traço, lê-se:

Meu cadastro Meus pedidos Minha cesta Já é cadastrado? Identifique-se

Observe-se primeiramente a forma convencional em que um Eu (o vendedor) se dirige a um Tu (o consumidor potencial): “Ainda não é cadastrado? (...) Cadastre-se.” Mesmo que a forma corriqueira no Rio de Janeiro, seja o uso do Você e da terceira pessoa, do ponto de vista enunciativo, o posicionamento é o mesmo identificado por Benveniste como sendo aquele do Tu, isto é, aquele a quem a fala é endereçada.

Na segunda linha, passamos a uma forma em que, mesmo em se tratando do mesmo locutor, isto é, o vendedor através de seu site, o interlocutor consumidor é interpelado na primeira pessoa Eu, com as marcas possessivas “meu”, “meus”, “minha”. Na mesma linha, voltamos à forma convencio-

nal em que o interlocutor é designado por um Você (equivalente ao Tu), posicionado naturalmente no lugar de destinatário.

Exemplo francês nº 1: Site de vendas pela internet de fitoterápicos da marca “LPEV” (traduzido por mim)

Bom-dia Sra Amorim,
[Texto a respeito de questões femininas]
Meditar para seu bem estar
[Texto a respeito das virtudes da prática da meditação]
Nossas ofertas do mês
Temos o prazer de lhe oferecer [nome de um produto] para purificar o ar e o ambiente de sua casa. DE PRESENTE: [nome de outro produto]
Aproveite a partir de agora com seu código privilégio LW044.
1) Se você encomendar antes de 02/04/2014.
[Texto sobre as condições da oferta]
2) Se você encomendar antes de 30/04/2014.
[Texto sobre as condições da oferta]
Não encomendo hoje, mas desejo receber o [nome do produto oferecido] se eu responder antes de 02/04/2014 e o [nome do produto oferecido de presente] se eu responder antes de 30/04/2014, em função dos limites do estoque disponível. Entro em contato com o serviço de atendimento ao cliente e envio um cheque de 4,90 € em nome de LPEV para pagamento do custo do envio.
[Texto sobre outros produtos e suas virtudes]
Até logo, no site [endereço do site]
Equipe LPEV

Notemos o primeiro ponto em comum entre os dois exemplos. Em se tratando de um site de vendas, o locutor, aquele que fala, é o comerciante vendedor que quer vender seu produto. E o interlocutor ou destinatário é o leitor do site, “comprador em potencial”. No segundo exemplo, temos a mesma alternância entre enunciados dirigidos ao leitor com uso do Você (Vous em francês) e do Eu (Je), o mesmo Eu que, no final, diz que compra e envia um cheque. No início, o locutor comerciante se autodesigna pela segunda pessoa do plural (Nossas, etc.) e se dirige ao destinatário designando-o como Você. Temos aí uma ocorrência corriqueira do funcionamento do aparelho formal de enunciação onde o Ele é o produto a ser

vendido. O Nós que enuncia no início reaparece no final designando-se pela terceira pessoa que, nesse caso, tem valor equivalente – a equipe LPEV. Em seguida, de repente, aparece um enunciado na primeira pessoa, com o uso do Eu e o verbo na primeira pessoa. Ora, o conteúdo dos enunciados em Eu são produzidos pelo vendedor e, obviamente, não é o vendedor quem compra e envia um cheque. Quem o deverá fazer, se o fizer, será necessariamente o leitor/consumidor. No entanto, vale lembrar, que continua a ser o vendedor (através de seu site) quem fala. E que o dêitico Eu designa aquele que fala.

Cabe mencionar aqui uma particularidade da língua francesa. O uso do Vous, que literalmente traduz-se como Vós, é o tratamento comum nas relações em que não há intimidade. Corresponderia ao nosso Senhor ou Senhora. Assim, diríamos: “Voulez-vous quelque chose d'autre?” para o nosso “A senhora deseja mais alguma coisa?”. O uso do Tu cuja tradução literal para o português é Tu, corresponde, em algumas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, ao Você e é reservado às relações de intimidade. O uso do Vous para designar o interlocutor é chamado *vouvoiement* e o uso do Tu, *tutoiement*. Assim, distingue-se a presença ou ausência de intimidade, quando alguém *vouvoie* seu interlocutor ou quando o *tutoie*. Ora, a nova forma enunciativa que estamos analisando, isto é, dirigir-se a seu interlocutor chamando-o de Eu, não é nem *vouvoiement* nem *tutoiement*. Em um comentário crítico sobre seu uso absurdo, essa forma já foi chamada de *jejoiment*¹⁷.

O *jejoiment*, a forma enunciativa que tentamos analisar, parecer ter-se constituído como uma abreviação de uma prática discursiva que se tornou corrente nos sites de venda à distância, mas também em outras esferas como, por exemplo, nas bulas de remédio brasileiras. Mesmo se nas bulas não estamos mais na esfera social do comércio e da publicidade, podemos falar ainda de consumo em sentido amplo, até porque, o fenômeno da automedicação tornou-se em nossas sociedades algo que, frequentemente, vem sendo diagnosticado como uma modalidade de drogadicção.

Exemplo brasileiro nº 2 : bula de comprimidos de Atenolol

FORMA FARMACÊUTICA E APRESENTAÇÕES

Comprimidos de 25 mg, 50mg e 100 mg.

USO ORAL ADULTO

COPOSIÇÃO

(Descrição das substâncias)

17 Cf. MAILLÉ, B. « Je suis con, la RATP parle dans ma tête », blog <http://www.causeur.fr>, 01/04/2009.

II. Informações ao paciente

1) PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

O atenolol está indicado para (...).

2) COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

O atenolol produz efeitos (...).

3) QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Contraindicações: Você não deve usar atenolol nas seguintes situações:

(Lista dos casos contraindicados)

4) O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

(Lista de advertências, precauções, etc.)

ETC., ETC.

Trata-se do modelo « perguntas e respostas » que, na nossa hipótese, está subentendido na forma discursiva que tentamos analisar. Esse modelo é bastante frequente nos sites de venda à distância com menções do tipo: “Fale conosco” ou simplesmente FAQ¹⁸ (do inglês *frequently asked questions*). Primeiramente, é necessário considerar que a ocorrência desse modelo nos sites à distância não é um acaso. A preocupação dos comerciantes que os profissionais conceptores de sites tentam exprimir é em diminuir o caráter impessoal e distante na relação com o consumidor. Daí a personalização aparente dos enunciados, visando a criar uma impressão de proximidade. O texto deve então parecer mais leve e mais “interativo”. Notemos, entretanto, a dimensão infantilizante desse recurso “pedagógico” que age como se o leitor tivesse necessidade de ser conduzido em sua leitura. Quanto à interatividade, ela é mais simulada do que real uma vez que, quando abrimos o link “FAQ”, as perguntas e respostas estão prontas e é impossível para o consumidor formular sua própria questão.

Voltemos aos dois primeiros exemplos cuja forma enunciativa torna-se cada vez mais frequente. Ela abrevia o modo pergunta-resposta e passa diretamente à “resposta” desejada pelo anunciante ou vendedor. Essa nova forma enunciativa opera aquilo que designamos como *enunciado fusional*: ele opera uma fusão entre a posição do locutor (anunciante/vendedor) e a posição do interlocutor (leitor/consumidor). O locutor se dirige a mim, leitora, dizendo Eu no meu lugar. Ora, no aparelho formal de enunciação, é porque há um Eu, aquele que fala, que se dirige a mim designando-me como um interlocutor Tu ou Você, que poderei assumir a condição daquele que *responde* e, ao fazê-lo, dizer Eu por minha vez e advir como sujeito singular no interior da interlocução.

18 Em francês, adaptaram a sigla inglesa FAQ à menção *Foire aux questions*, literalmente, “Feira das questões”.

Porque a *resposta* é sempre singular na medida em que comporta uma tomada de distância em relação ao que é dito e uma produção reflexiva e interpretativa. Isso é aliás, o que a distingue da *reação* que ocorre na comunicação animal através de um código de sinais (BENVENISTE, 1996, p. 56-62). Na cena do enunciado fusional, o interlocutor que eu deveria ser para poder tornar-me locutor não tem lugar porque este lugar foi roubado pelo outro que se dirige a mim. O outro confiscou meu lugar e disse o que ele queria que eu dissesse: “Eu compro!” Lembremos que nos poderes totalitários e ditatoriais, aprisiona-se uma pessoa para fazer com que ela diga o que se quer que ela diga: é o dispositivo da tortura. Aqui, o “suave” poder do mercado, com suas estratégias de *marketing*, parece ter produzido algo muito mais inteligente. O consumidor é “livre” para escolher e é ele quem decide.

Na verdade, a incitação ao consumo imediato é identificável na formulação típica de toda publicidade: “Não perca tempo, compre já!” Essa formulação pode se apresentar sob diferentes modos, o mais comum sendo aquele que diz: “Último artigo disponível! Não perca esta oportunidade!” Algumas transformações parecem-nos entretanto decisivas. O que se observa no discurso comercial/publicitário, cada vez mais, é o aparecimento dos enunciados com marcas da primeira pessoa do singular que substituam as marcas do destinatário Tu ou Você. Em vez de “Compre já!”, temos « Compro já ! ». Em vez de « Economize 20% » ou « Aproveite a promoção especial », temos “Economizo 20 %” e “Aproveito a promoção especial”, com o simples gesto de marcar com um X ou “clicar” no enunciado pré dito. Os exemplos e ocorrências são múltiplos e assiste-se a uma verdadeira proliferação de enunciados fusionais.

Poderíamos considerar esses enunciados como “lúdicos” e “simpáticos” o que remeteria à noção de sedução humorística de Lepovetski. Além disso, em relação aos enunciados da antiga publicidade, a nova forma dá um passo além em direção à demanda de imediatez própria do gênero. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que a compra por internet já introduz uma transformação na temporalidade. Entre o deslocamento necessário para ir até uma loja e a compra em apenas um “clic”, há uma compactação espaciotemporal do trabalho de elaboração e deliberação favorecido por um tempo de espera antes de comprar. No entanto, na formulação “Não espere mais, compre já!”, embora convide a uma ação rápida, a temporalidade do jogo enunciativo permanece preservada pela diferença entre as posições enunciativas: um comerciante se dirige a mim, chamando-me de Você e me colocando assim na posição daquele que pode ou deve responder, dizendo Eu na minha vez. A diferença de lugares se dá

em dois eixos, o espacial e o temporal - espacialidade da cena enunciativa e sucessão temporal dos turnos de fala. Essa dupla diferença concerne à questão do sentido porque todo enunciado submete-se a um trabalho de interpretação e tomada de distância em relação à palavra do outro. Ora, esse trabalho que toda resposta supõe é atropelado na nova formulação enunciativa e produz assim uma imediatez de outra ordem. O equivalente enunciativo da incitação à ação imediata e impensada, principalmente no contexto comercial/mercadológico, parece-nos corresponder exatamente ao *enunciado fusional*.

Outra ocorrência, ainda na esfera da informática, parece indicar que a origem dessa forma discursiva situa-se na imbricação que se produziu entre o mercado e as novas tecnologias da informação. Nossa hipótese, que mereceria um trabalho histórico aprofundado, é que a matriz que engendra a aceitação globalizada do enunciado fusional encontra-se na concepção de marketing da Microsoft. Quando a companhia cria o “Operating System” da MacIntosh ela o aplica em seguida, com o Windows, aos computadores pessoais – os PC ou *Personal Computers*. A partir da versão de 1998, ela utiliza o agora célebre “Meus documentos”. Outros vieram depois como o “Meu computador”, o “Minhas imagens”, o “Minha música” e assim por diante. Nossa interpretação é que a lógica subentendida nessas expressões visava a criar um efeito de personalização para fazer passar melhor a novidade e o estranhamento do “eletrodoméstico” computador, para usuários não iniciados em informática e ampliá-los de modo a venda do PC a um público cada vez maior.

Ao se dirigir ao usuário, haveria uma estratégia discursiva de tentar fazer acreditar que, usando o computador, ele está em casa, à vontade como em seu escritório. Seria algo semelhante a, por exemplo, a ação corriqueira de arrumar documentos nas gavetas de sua escrivaninha. Entretanto, uma pessoa que está na própria escrivaninha, arrumando seus documentos de papel, não escreve nas pastas “meus documentos”, “minhas contas de luz”, “minhas fotos”. Ela escreve simplesmente “documentos”, “contas de luz”, “fotos”. Salvo se ela está lidando ao mesmo tempo com documentos de mais alguém, por exemplo, seu filho Pedro, e que ela precisa distingui-los. O “meus” sendo um dêitico auto-referencial, ela poderia escrever “meus documentos” em uma pasta e “documentos de Pedro” em outra.

Se me coloco no lugar de um usuário, no meu computador não há outro computador que justifique a menção “meu computador”. O que existe de *outro* não foi colocado ali por mim e já veio pronto. Nesse caso, seria preciso que estivesse escrito “Seus documentos”, mas isso marcaria clara-

mente a existência de um outro (Windows, Microsoft e seus conceptores) que domina o dispositivo e que o organizou segundo uma lógica a que não tenho acesso. Nesse caso, a fusão não ocorreria e a diferença entre locutor e destinatário seria mantida. O espaço da tela do meu computador ficaria marcado como não sendo inteiramente meu. “*My space*” is not mine... Isso aliás se comprova a todo instante: surgem programas (softwears) com suas imposições de atualização, abrindo “janelas” na minha frente e interrompendo minha concentração e meu ritmo de trabalho. Sem contar que o mercado da informática me obriga a mudar incessantemente de computador, de sistema de exploração: de Windows XP devo passar a Windows 7 e, antes mesmo de ter dominado perfeitamente o uso do sistema anterior, tenho que passar para Windows 8. Sem o que, “meu” computador corre o risco de ficar bloqueado por incompatibilidade entre os antigos produtos e os novos que me obrigam a comprar. Acrescente-se a isso a invasão de vírus, spams, etc. Dizer “meu” ali onde justamente *não estou e não sou*, eis a essência perversa da nova forma enunciativa.

A aceitação generalizada do enunciado fusional e seu sucesso como formulação comunicacional podem ser constatados pela expansão de seu uso. Cabe notar que nesse aspecto há, até o momento, uma diferença significativa entre o Brasil e a França. No Brasil, as ocorrências são ainda limitadas se comparadas às do contexto francês. Uma breve pesquisa na internet permite constatar isso. Por exemplo, na França, todos os sites de banco usam o *jejoient*, desde a primeira página do site e antes mesmo que o leitor se torne cliente. No Brasil, não¹⁹. Essa diferença entre o contexto cultural brasileiro e o francês mereceria uma pesquisa à parte. Como mostraremos a seguir, na França, esse uso se estende a várias outras esferas sociais. Se saímos da internet, podemos encontrá-lo “ao vivo” em inúmeras lojas presenciais. Por exemplo, em uma farmácia encontramos o mesmo enunciado-tipo do gênero comercial, agora escrito em papel. As antigas seções e prateleiras que antes eram indicadas com pequenos cartazes como “Remédios”, “Cosméticos”, “Para o bebê”, etc., são agora indicadas por cartazes que dizem “Meus remédios”, “Meu bebê”, “Meus cosméticos” e mesmo o balcão onde fica o farmacêutico é indicado por um “Meu farmacêutico me orienta” acima de sua cabeça.

Mas há ainda outro limite que foi ultrapassado na França: o enunciado fusional aparece em esferas não comerciais onde a injunção não é de comprar, mas de obedecer ou seguir regras da vida coletiva e da ordem pública.

19 Ver por exemplo o site do banco Bradesco.

Exemplo francês nº 2: No metrô parisiense, linha 13

Nos anos de 2009 e 2010, a RATP, companhia estatal encarregada do metrô, realizou uma campanha de segurança com adesivos colados nas portas de vidro internas dos trens. Eles diziam: “As portas se abrem. Eu dou passagem para os que vão descer.”. Ou ainda: “Ao ouvir o sinal sonoro, eu me afasto das portas”.

Exemplo francês nº 3: Advertência do Ministério da Saúde

Nas farmácias, no decorrer da nossa pesquisa, encontrava-se frequentemente nas farmácias, no local da caixa para pagar, o seguinte aviso escrito em papel: “Se eu recusar o medicamento genérico, terei que pagar a diferença.”

Exemplo francês nº 4: Segurança nas estradas

Em algumas estradas, na mesma época, encontramos alguns painéis onde se lia: “Em caso de chuva, diminuo a velocidade.”

Exemplo francês nº 5: No hospital público Beaujon em Clichy

No corredor do andar da ortopedia²⁰, encontramos um mural cujo título é “Informações aos pacientes”. Duas linhas de avisos, uma em cima e outra abaixo, cada uma com três avisos em folhas de papel distintas. Em todas, com a exceção de uma dela, os avisos dirigem-se ao leitor com o uso do *Vous*, nesse caso equivalente ao *Você* brasileiro. Eles dizem, por exemplo: “No hospital, a identificação é uma questão de segurança. Não se esqueça de se identificar corretamente”. Ou ainda: “Seus remédios: se você toma remédios em casa, avise, assim que chegar, ao enfermeiro e ao médico”.

Na primeira linha, bem visível, na altura dos olhos de quem passa no corredor, um aviso entre dois outros redigidos com o uso de *Você*, encontra-se um, dirigido ao leitor com o uso do *Eu*. Seu título é: “Durante minha estada no hospital”. Abaixo, várias informações numeradas são fornecidas usando palavras e imagens (desenhos coloridos). Dizem elas:

1) Trago comigo minha roupa de cama e de banho (desenhos de toalhas, lençóis). Meus objetos de higiene. (desenhos de sabonete, vidro de perfume, etc.).

20 Não tivemos a oportunidade de observar outros andares do hospital.

- 2) Declaro a pessoas auxiliar minhas próteses auditivas (desenho). Peço ao auxiliar uma caixa para guardá-las. Meus óculos (desenho).
 - 3) Coloco no cofre do hospital meus objetos de valor (desenhos). Meu dinheiro, minhas chaves, meus cartões importantes.
- Etc., etc...

A razão pela qual encontramos textos à “moda antiga” usando Você ou Tu misturados com textos “pós-modernos” mereceria uma pesquisa profundada que ainda não pudemos realizar. Talvez fosse necessário entrevistar os responsáveis pela comunicação das diferentes instituições aqui mencionadas.

4 Últimos elementos conceituais

Conhecemos bem a figura de retórica que consiste em usar, no lugar da forma gramatical esperada, outra forma que assume seu valor em caráter de exceção. Trata-se de uma operação enunciativa que visa à produzir determinados efeitos de sentido. Chama-se *enálage*²¹, do grego *ennalagé* que significa permutação ou transposição. No que concerne aos dêiticos de pessoa, opera-se então a substituição de um pronome por outro. Por exemplo, no procedimento de generalização, quando, na posição de locutor, quero compartilhar minha experiência e meu posicionamento com a finalidade de dar uma explicação a alguém: “Eu pego a rua principal e quando chego em frente à igreja, eu viro à direita.” Ou, no exemplo contrário, quando estou contando algo que me aconteceu e, de repente, digo, “Depois de esperar horas em pé, tu consegues enfim chegar no guichê e o cara te diz que já fechou!”. Estamos aqui diante de formas inclusivas em que Eu e Tu são associados e assumem o valor de um Nós ou de um “a gente”. Outro exemplo é o da ironia: dirigida a meu interlocutor, substituindo o Tu/Você por um Ele: “E então, o menino ficou zangadinho?”

As múltiplas ocorrências devem-se sempre analisar em função do contexto pontual em que se apresentam. Mas o que significa quando esse tipo particular de *enálage*, o do enunciado fusional tal como o designamos, generaliza-se? O que isso diz de nosso mundo? Teríamos passado de uma palavra fundadora de laço social sob o modo do *dom* maussiano a uma palavra tomada ou roubada? Não estaríamos assistindo à instauração de um

21 Para uma abordagem enunciativa da matéria, ver FIORIN, J.L. *Figuras de retórica*, São Paulo, Contexto, 2014.

gênero discursivo que se torna hegemônico em homologia com a invasão do mercado em todas as esferas sociais? Imagino que essa generalização não é fruto de uma vontade consciente e assumida das diferentes instituições aqui citadas. Principalmente no caso de instituições públicas cujos serviços não estão à venda. Creio antes que a generalização do enunciado fusional se deve à generalização da presença de profissionais especializados em marketing e propaganda que devem ter como modelo o enunciado fusional. Atualmente, toda instituição de porte emprega esse tipo de profissional para formatar a comunicação com o público. Mas o que gera a aceitação generalizada desse modelo? Provavelmente a convivência rotineira com ele. Ou seja, um círculo vicioso.

Para chegarmos às últimas consequências da generalização do enunciado fusional nas diferentes esferas sociais, vejamos ainda outro gênero discursivo cujo enunciado-tipo opera a mesma fusão de posições enunciativas. Trata-se do *diálogo com bebê*. Como conceber um diálogo verbal com alguém que ainda não fala? A etimologia latina da palavra francesa *enfant*, que designa “criança”, é interessante. Em latim, *infans* compõe-se do prefixo negativo *in* e do verbo *fari* que significa “falar”.

O ajuste do aparelho formal de enunciação visando a incluir o *infans* no universo falante constitui um gênero discursivo particular na medida em que ele obedece a certas formas estáveis de enunciado. O modelo do gênero de discurso *diálogo com bebê* é o da mãe que, interpretando²² aquilo que ela supõe que seu bebê está exprimindo, e fala em seu lugar. Por exemplo, quando a mãe amamenta seu filho para que ele não chore mais, ela lhe diz: “Eu estava com fome, mãe. Agora, vou poder tirar uma soneca, depois tomar um banhozinho...” Observa-se então a fusão dos lugares Eu-Tu através da qual a mãe diz Eu no lugar da criança.

Outra situação frequente deste tipo de fusão enunciativa produz-se quando a mãe orienta a compreensão de um terceiro, interpretando os sinais que a criança dá. Isso pode ocorrer em co-presença dos três, por exemplo, quando se trata de uma visita e que a criança não para de chorar. A mãe se dirige à visita e diz: “Sabe, eu hoje tô meio enjoadinho porque não dormi à tarde.” Pode também ocorrer em situação de ausência e de diálogo escrito. É o que encontramos nos albuns do bebê enviados aos avós que moram longe. De uma maneira geral, as fotos têm sub-títulos enuncia-

22 A esse respeito, a psicanalista Piera Aulagner revela a dimensão de violência que o gesto interpretativo materno implica. Violência que, no contexto do *infans* deve ser considerada legítima e necessária posto que fundadora do sujeito. AULAGNER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, Imago, 1979.

dos por um Eu-bebê que é, na verdade, o Eu-mamãe. Por exemplo, abaixo de uma foto na praia: “Adorei o mar e brinquei muito com a areia”²³.

São exemplos de um gênero discursivo muito especial porque ele é circunscrito a uma esfera em que um dos interlocutores ainda não sabe falar. Entre adultos, há brincadeiras que funcionam exatamente porque evocam esse gênero. Posso dizer a uma amiga: “Como estou elegante!” Seja por ironia, ou por outra intenção, a brincadeira funciona porque ela produz um efeito infantilizante.

A disposição das posições enunciativas que implícita em todo diálogo, ao contrário do que poderia parecer, é um processo logo e difícil para a criança. Vejamos brevemente em que consiste a construção da inteligência enunciativa na criança para melhor compreendermos o que está em jogo na *burrice enunciativa* do caso adulto. O problema para a criança reside no fato de que os dêiticos de pessoa são unidades linguísticas que designam os sujeitos falantes e que portanto mudam de lugar nos turnos de fala. A criança aprende cedo seu nome próprio e é capaz de dirigir sua atenção quando ela o ouve. Mas se todo mundo pode dizer Eu e empregar o Tu/ Você para se dirigir a diferentes pessoas, como saber o que essas palavras significam? É difícil entender o funcionamento dessas formas ditas “vazias” por Benveniste²⁴. Não é à toa, como nos mostra Yaguello²⁵, que a visão estereotipada dos povos “primitivos” levou ao cinema o célebre diálogo em que Jane diz a Tarzan: “*You Tarzan, me Jane*” e que Tarzan não consegue responder corretamente, isto é, dizendo “*You Jane, me Tarzan*”.

5 Conclusão

Profusão de discursos em Eu, como se tudo se houvesse tornado uma questão de escolha pessoal. Ao suprimir o lugar do interlocutor e ao dizer Eu em seu lugar, o cartaz na estrada poderia fazer com que o motorista acreditasse ser mais livre e autônomo que seus pais ou seus avós que liam antes “Em caso de chuva, não corra!”. É a forma enunciativa da injunção que desaparece e que induz a um raciocínio do tipo: “Diminuo a velocidade porque quero!” ou ainda, “Se eu não quiser, não diminuo”.

23 Remeto o leitor a meu artigo: “Parler à l'enfant, *parler enfant*”. La lettre du GRAPE, v. 87, Toulouse, Ed. Erès, 2012, pg. 89-96.

24 BENVENISTE, E. « De la subjectivité dans la langue » in *Problèmes de linguistique générale*. Paris, 1966, Gallimard, Volume I, p. 263.

25 YAGUELLO, M. *Alice au pays du langage. Pour comprendre la linguistique*. Paris, Ed. Seuil, 1981, p. 21.

A presença crescente de enunciados com marcas da primeira pessoa poderia criar a ilusão de que o sujeito é o centro de todas as decisões. Claro que isso é um engodo, porque o enunciado fusional traz em si uma nova forma de poder, totalitária na medida em que visa a suprimir a possibilidade de *resposta*. Sendo porém uma forma mais sutil e inteligente, é uma forma de poder não-autoritária posto que a voz daquele que dá ordens e que manda não deixa marcas nem rastros no enunciado e torna-se então inaudível e invisível.

A inteligência da nova forma de poder é do tipo *mètis*. A astúcia, com suas armas secretas, consegue esconder aquele que dela se serve e faz então do *outro* alguém que não pode saber e que não pode ver, alguém acometido de *burrice*. Para que essa forma de inteligência se torne dominante no seio de uma sociedade e se autonomise em relação às outras formas de saber, ela necessita de uma forma discursiva que a sustente. Caso contrário, *mètis* permaneceria sendo uma inteligência ao alcance de todos mas de uso pontual, sem adquirir a força de uma ideologia²⁶. Não há ideologia sem discurso, mesmo quando ela declara “o fim das ideologias”. Um novo regime discursivo se instaura então e o Tu sofre a metamorfose do Eu porque a nova injunção enunciativa só admite enunciados na primeira pessoa. Poderíamos chamá-la *injunção de afasia* ou ainda, *injunção de burrice enunciativa*.

Que efeitos podem ser observados do uso indiscriminado do enunciado fusional? Estaríamos todos igualmente expostos a eles? Uma situação vivida pouco antes da redação deste artigo, parece indicar que a diferença de classes interfere no fenômeno. Ela ocorreu em minha experiência profissional de professora universitária na França. Para situar o contexto, é importante dizer que minha universidade acolhe alunos de diversas origens culturais e de classe. As turmas incluem desde jovens franceses da classe média até imigrantes estrangeiros de países pobres como a África do chamado Magreb (Argélia, Marrocos, Tunísia) que dependem dos estudos universitários para assegurar o visto de estudante.²⁷ Os alunos imigrantes apresentam dificuldades no domínio escrito e oral da língua francesa e encontram-se no que designo como *situação de fragilidade linguística*.

O curso que eu havia dado alternara aulas em que eu fazia apresentações teóricas com aulas em que grupos de alunos faziam apresentações de temas sobre os quais haviam pesquisado. Na prova final, dei e escrevi no

26 Ao longo do texto, concebemos como ideológico um poder que tem a capacidade de tornar aparentemente natural algo que é da ordem da produção histórica e que consegue assim tornar sua ação invisível.

27 Diga-se de passagem, que tamanha diversidade dificulta em muito o trabalho do professor.

quadro as seguintes questões: 1) Quais as ideias principais trabalhadas no curso? Explique-as. 2) Quais as ideias principais trabalhadas na apresentação realizada por seu grupo? Explique-as. 3) Escolha um tema trabalhado e apresentado por outro grupo ou por mim, e explique as idéias principais.

Depois disso, quando os alunos trabalhavam, um aluno me chamou. Fui até ele, como faço de costume para não perturbar os outros com nosso diálogo. Ele me disse então que não conseguia compreender a terceira questão. Perguntei a razão da sua incompreensão e ele me explicou que ela era igual à segunda questão pois ele deveria falar do tema que *ele* havia apresentado. “Como assim?”, perguntei. Ele repetiu e apontou na folha de papel o *por mim* da terceira questão e apontou em seguida para ele próprio colocando a mão em seu peito. Vemos aí o uso dos dêiticos²⁸ fusionado. Foi necessário então explicar, usando os mesmos gestos e repetindo várias vezes, que o *por mim* designava aquele que falava, isto é, eu, a professora, que havia ditado e escrito no quadro. E que portanto referia-se às minhas apresentações.

Esse fato me leva a pensar que, além da fragilidade linguística, esses alunos são mais vulneráveis na medida em que estão mais expostos ao discurso comercial e publicitário, via internet e telefone celular, sem a contrapartida de outros discursos tais como o jornalístico, o literário, o teórico, etc. São alunos que quase não lêem e não escrevem, a não ser nos celulares, via SMS, etc. Isso coincide com a desigualdade cultural que acompanha a desigualdade de classes.

Outro fator também parece interferir nos efeitos do uso indiscriminado do enunciado fusional. O grau de informação e formação política tal como é possível encontrar, por exemplo, em trabalhadores sindicalizados e militantes. Embora a questão mereça nova pesquisa, essa é minha interpretação provisória do exemplo seguinte, uma reportagem divulgada no jornal das 20hs da TV 3, canal francês público.

A empresa de construção WEIR, multinacional com sede em Glasgow na Escócia, embora apresentando grandes lucros anuais, decidira fechar a filial na França. Ela havia comprado outra empresa e, segundo os operários, o negócio teria implicado em benefícios de origem. Um grupo de trinta operários decide então viajar até Glasgow para obter uma reunião com os dirigentes da empresa e reivindicar a preservação dos seus empregos. Na viagem, todos vestiram um casaco de cor laranja e nele estava escrito em cor preta:

28 Lembremos que a etimologia vem de *deixis* que significa o gesto de apontar com o dedo indicador.

J'achète
Je pille,
Je ferme

Traduzindo: Eu compro/ eu roubo (fazer pilhagem)/eu fecho. Obviamente, o texto era dirigido à empresa: “Vocês compram, roubam e fecham”. O uso do Eu parece ter, nesse caso, um sentido paródico que se apropria do enunciado-tipo do discurso comercial/publicitário. Ao fazê-lo consegue, ao mesmo tempo, aludir ao mercado que, com suas “leis”, destroem hoje na Europa, milhares de empregos. Vemos então que várias questões se colocam ao final dessas duas etapas de nossa pesquisa e que novas metodologias serão provavelmente necessárias para prosseguir.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M.: “L’effort pour rendre l’autre bête ». *Revue du MAUSS permanente*, 25 janvier 2015, on line em : <http://journaldumauss.net/?L-effort-pour-rendre-l-autre-bete>
- _____. *Petit traité de la bêtise contemporaine*, Toulouse, Ed. Erès, 2012.
- _____. “Parler à l’enfant, *parler enfant*”. La lettre du GRAPE, v. 87, Toulouse, Ed. Erès, 2012.
- _____. *Raconter, démontrer,... survivre. Formes de savoir et de discours dans la culture contemporaine*. Toulouse, Erès, 2007.
- _____. *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências humanas*. São Paulo, Ed. Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1981.
- BAKHTIN, M. *La poétique de Dostoievski*, Paris, Seuil, 1970.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992
- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris, Seuil, 1957.
- BENVENISTE, E. « De la subjectivité dans la langue » in *Problèmes de linguistique générale*. Paris, 1966, Ed. Gallimard, Volume I.
- _____. « L’appareil formel de l’énonciation » in *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1974, vol. II.
- BENVENISTE, E. « Communication animale et langage humain », in *Problèmes de linguistique générale*, vol I, Paris, Gallimard, 1966.
- BOLTANSKI, L. et CHIAPELLO, E. *Le nouvel esprit du capitalisme*, Paris, Ed. Gallimard, 1999.

- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, Ed. Unicamp, 1996.
- DERRIDA, J. *Séminaire La bête et le souverain*, Paris, Ed. Galilée, 2008 (vol. I) e 2010 (vol. II).
- DE WITTE, J., *Le pouvoir de la langue et la liberté de l'esprit. Essai sur la résistance au langage totalitaire*. Paris, Michalon, 2007.
- DETIENNE, M. et VERNANT, J-P., *Les ruses de l'intelligence. La Métis des Grecs*. Paris, Flammarion, 1974.
- DE CERTEAU, M., *L'invention du quotidien. 1. Arts de faire*. Paris, Gallimard, 1990.
- DUFOUR, D-R. *L'individu qui vient*, Paris, Denöel, 2012.
- _____. *A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005. Tradução de Sandra Regina Felgueiras.
- _____. *Os mistérios da trindade*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000, tradução de Dulce Duque Estrada.
- FIORIN, J.L. *Figuras de retórica*, São Paulo, Contexto, 2014.
- FLAUBERT, G. *Le dictionnaire des idées reçues*, Paris, Conard, 1913.
- HERSHBERG-PIERROT, A. *Flaubert, l'empire de la bêtise*, Paris, LGDJ, 2012.
- JULLIEN, F. *Traité de l'efficacité*, Paris, Grasset, 1996.
- KLEMPERER, V., *LTI, la langue du IIIème Reich*, Paris, Albin Michel, 1996.
- LECLAIRE, S. *Rompre les charmes*. Paris, Ed. Seuil, 1999.
- LÉVINAS, E. *Éthique et infini*, Paris, Ed. Fayard, 1982.
- LIPOVETSKI, G. *L'ère du vide. Essais sur l'individualisme contemporain*, Paris, Gallimard, 1983.
- LYOTARD, *La condition post-moderne*, Paris, Ed. Minuit, 1979.
- LYOTARD, J-F. *Le post-moderne expliqué aux enfants*, Op. Cit.
- MAILLÉ, B. « Je suis con, la RATP parle dans ma tête », blog <http://www.causeur.fr>, 01 avril 2009. Blog *Le causeur* du 1er avril 2009.
- MAUSS, M. *Essai sur le don : Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* In *Sociologie et Anthropologie*, Paris, Ed. PUF, Collection Quadrige, 1973.
- MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila V.C. Grillo e Ekaterina V. Américo, São Paulo: Contexto, 2012.
- ROHOU, J. *Le XVII^{ème} siècle, une révolution de la condition humaine*. Paris, Seuil, 2002.
- STIEGLER, B. *Etats de choc – Bêtise et savoir au XXIème siècle*, Paris, Ed. Mille et une nuits, collection Essai, 2012.

- SERRES, M. « Le dialogue platonicien et la genèse intersubjective de l'abstraction », in *Hermès I. Communication*, Paris, Ed. Minuit, 1968.
- SUPIOT, A., *L'esprit de Philadelphie. La justice sociale face au marché total*, Paris, Seuil, 2010.
- VIGNAUX, G. *Les jeux des ruses. Petit traité d'intelligence pratique*. Paris, Seuil, 2001.
- YAGUELLO, M. *Alice au pays du langage. Pour comprendre la linguistique*. Paris, Seuil, 1981.

Recebido em: 07/07/2015. Aceito em: 21/07/2015.